

Com tenacidade e dedicação, programa acompanha o dia a dia de vítimas traumatizadas com o passado

# Mérito: *intenso* esforço pelo recomeço

**Evandro Vaz**

A cidade de Campo Grande há muito apresenta marcas de grandes metrópoles com trânsito embarracoso, rotinas frenéticas e mudanças bruscas no clima, tudo num ambiente que ainda lembra e muito uma cidade com cheiro de interior. Mas, por trás desta realidade corriqueira tida como normal, um submundo desconhecido pela sociedade se move sorrateiramente e nele pessoas são objetos, servem apenas para satisfação do prazer a qualquer custo. Seus gritos de socorro não fazem barulho. São as vítimas do abuso e da violência sexual.

O Projeto Nova é uma entidade dedicada ao atendimento dessas vítimas, em sua maioria mulheres e crianças. Com suas atividades iniciadas em maio de 2011, tem atualmente 30 famílias cadastradas. Após parceria firmada com o curso de Psicologia da UCDB – Universidade Católica Dom Bosco, é hoje um campo de estágio curricular obrigatório. Segundo Renan Júnior, coordenador do curso, o estágio específico para os alunos de nono e décimo semestres proporciona aos mesmos o exercício de uma prática responsável nas intervenções e avaliações nos atendimentos.

No casa sede do projeto são oferecidas regularmente atividades como arte terapia, reuniões, cursos, triagem social, atendimento psicológico e encaminhamento jurídico. Assim, visa proporcionar o restabelecimento da dignidade humana e novas oportunidades de geração de renda. A coordenadora do projeto, Viviane Vaz, afirma que, "os sobreviventes da exploração sexual sofrem uma amputação de perspectivas

Ainda segundo a professora, não há



**Renovação** - Crianças recuperam a infância por meio do afeto dos voluntários

relato de projeto nesses moldes em funcionamento no Brasil, afirma que a experiência para o acadêmico proporciona "uma vivência que extrapola a formação clínica tradicional, numa realidade de rede psico social. O exercício do olhar clínico, ajustando para essa realidade, é um aprendizado, uma vez que não existem escritos a respeito da dinâmica de atendimentos".

Carol Flores, acadêmica do décimo semestre de psicologia da UCDB, coloca que a área da Psicologia Social está sendo aprimorada nos últimos anos. "acho importante como futura profissional, focar meu trabalho em públicos que geralmente não são um alvo comum. Penso que todo ser humano deveria ter o privilégio de se reconhecer e ter trocas profundas com o meio que o cerca".

O atendimento psicológico possibilita identificar e investigar os impactos da violência e do abuso sexual a curtos e longos prazos, bem como seus desdobramentos mais conhecidos. São eles: a ansiedade e a depressão, transtornos pós-traumáticos, atitudes regressivas, autopunição, vingança, tentativa de suicídio, dificuldade nos relacionamentos, prostituição e promiscui-



**Realidade** - Marcados pelo sofrimento, vítimas superam a dor da violência

**UCDB** **EMFOCO**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

www.jornalemfoco.com.br

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo

Ano XIV - Edição N° 178  
Campo Grande, MS -  
Dezembro de 2015



## Jornalismo humanizado

Mais uma vez os acadêmicos do curso de comunicação social saíram as ruas para exercitar o jornalismo. Nessa edição, você leitor, poderá encontrar pautas variadas, desde publicidade feminina à saúde e proteção da mulher.

As editorias disponíveis aos acadêmicos foram apresentadas em sala de aula, e cada um pode optar naquilo que mais se identifica.

O mais importante nessa disciplina é que a cada vivência, nós, futuros jornalistas sofremos as dificuldades próprias da profissão. Fontes que desmarcam um dia antes da entrevista, distância do local marcado, o clima, que muitas vezes atrapalha devido a sua instabilidade, e acredite, até mesmo uma luta de mel, impossibilitando a conversa com a entrevistada.

Mas superior a esses sentimentos que, na maioria das vezes, causam pânico próximo à entrega final da matéria, a experiência de sair da sala de aula em busca da notícia nos dá um aprendizado grandioso, nos ensina as dificuldades da rua, e nos proporciona um impulso a seguir nessa carreira tão doce, e ao mesmo tempo desafiadora.

Agora, nós gostaríamos que você acompanhasse parte dessa loucura com a gente. E desculpe aí qualquer erro, é que ainda estamos na academia.

Em Foco – Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano XIV - nº 178 - Dezembro de 2015 - Tiragem 2.000

**Obs.:** As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

**Chanceler:** Pe. Dr. Gildásio Mendes dos Santos

**Reitor:** Pe. Ricardo Carlos

**Pró-reitoria de Graduação:** Conceição Aparecida Butera

**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação:** Hemerson Pistori

## Sexualidade

A luta diária pelo uso do nome de escolha e a falta de compreensão da sociedade

# Transsexual e o nome social

Matheus Rondon

Você sabe o que é viver sendo chamado por um nome que não é seu? E ter que atender a esse chamado relutando com suas formas para que não seja diminuído a um nome que não tem nada a ver com o seu eu interior? É isso que pessoas transsexuais passam diariamente.

Mas antes de aprofundar no assunto, preciso explicar a você, leitor, que identidade de gênero é como nos enxergamos, homem ou mulher. Orientação sexual é a indicação por qual destes gêneros você sente atração. É como uma pessoa se identifica, que pode ou não ter relação com o gênero do nascimento dela. Pessoas transsexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais.

Nome social é o pertencimento da pessoa transgênero, travesti ou transexual. Não é um apelido, eles nascem de um gênero determinado e se reconhecem como gênero oposto, precisando adequar o nome de pertencimento. O nome social surgiu no Brasil na década de 60 e 70, onde se distingueu devido a sua instabilidade, e acredite, até mesmo uma luta de mel, impossibilitando a conversa com a entrevistada.

Mas superior a esses sentimentos que, na maioria das vezes, causam pânico próximo à entrega final da matéria, a experiência de sair da sala de aula em busca da notícia nos dá um aprendizado grandioso, nos ensina as dificuldades da rua, e nos proporciona um impulso a seguir nessa carreira tão doce, e ao mesmo tempo desafiadora.

O processo de transição de Brandon começou bem cedo, na infância, quando para ele já estava bem claro que era um garoto por mais que seu corpo o acusasse que não. Na adolescência descobriu o que era a transexualidade e pode entender que não havia nada de errado com ele.

"Hoje tenho muito orgulho da minha



**Superação** - Relatos de quem assume o nome compatível com sua orientação sexual

Para produzir essa matéria, conversei com duas pessoas que utilizam o nome social. Brandon Borislav Kaanade tem 23 anos, é homem trans e formado em filosofia. Ele conta que na época da faculdade ele chegou a pensar que as pessoas fossem mais esclarecidas e tolerantes, porém ao chegar no curso se deparou com muita hipocrisia e preconceito, mas isso não foi motivo para ele deixar de querer estudar. "Ser reconhecido pelo nome que representa minha autêntica identidade é algo imprescindível para qualquer ocasião, significa a maneira digna pela qual mereço ser tratado."

Brandon conta que ainda não conseguiu retificar o prenome nos documentos, o direito até existe, mas na prática é bem diferente. "O que tem que ser feito é a execução de medidas jurídicas que facilitem a conversão definitiva do nome social em nome civil, a mudança efetiva na documentação, só assim teremos o devido respeito à nossa identidade".

As vantagens de ter o nome social reconhecido pelo decreto 13.684/2013, e depois foi estabelecida a emissão da certeira com nome social vinculado aos números de RG e CPF. Travestis e transsexuais do estado tem este direito para preencher documentos para atendimentos por órgãos da administração pública.

"Hoje tenho muito orgulho da minha

## EXPEDIENTE

**Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários:** Luciane Pinho de Almeida

**Pró-reitoria de Pastoral:** Diácono João Victor Ortiz

**Pró-reitoria de Desenvolvimento:** Me. Gilianno Jose Mazzetto de Castro

**Pró-reitoria de Administração:** Ir. Herivelton Breitenbach

**Coordenador do curso de Jornalismo:** Oswaldo Ribeiro da Silva

**Jornalistas responsáveis:** Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158

**Revisão, edição de títulos legendas e fotos:** Lívia Miranda, Fábio Pinheiro, Evandro Vaz, Maisse Cunha, Ana Cristina Cruz, Viviane Souza, Bruna Marques, Isabela Cavalcante, Jorge Henrique Rodrigues, Fernando Augusto, Mateus Meirelles, Rosana Moura, Pedro Augusto e Bárbara Jara.

**Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande - MS. Cep: 79117900 - Caixa Postal: 100 - Tel.: (067) 3312-3735**  
**EmFoco On-line:** www.emfoco.com.br  
**E-mail:** ojornalismoucdb@gmail.com

## Cidadania

Projetos sociais ajudam jovens e crianças carentes a conhecerem um mundo fora da marginalidade urbana

# Cultura e esportes salvam jovens

Rosana Moura

Na contramão dos altos índices de criminalidade em Campo Grande, projetos sociais têm sido a saída para afastar do crime e das drogas jovens e crianças, principalmente de áreas carentes. O resultado obtido através do esporte, da música e da recreação vem atendendo a expectativa de quem se dedica ao projeto e já ajudam a mudar a vida de muitos jovens.

"É triste a realidade em que se encontra grande maioria dos menores da nossa cidade", diz o professor Inocêncio Ramão que há 30 anos ensina futebol para meninos do Bairro Estrela do Sul. Atualmente o projeto conta com 95 alunos entre cinco e 16 anos e conta com incentivo da Fundação Municipal de Esporte (Funesp) e com a boa vontade do professor que faz toda a diferença.

Ele conta que muitos pais já vieram agradecer pelo bom comportamento dos filhos depois que começaram a frequentar a escolinha. Ainda segundo ele, novos talentos já foram descobertos na equipe que se prepara para uma competição em São Paulo. O estudante Edivan Cassaro tem apenas 10 anos e já sonha com os gram-



**Esperança** - Jovem faz aula de música no Instituto de Desenvolvimento Evangélico

dos, já que almeja um futuro no futebol. "Eu me inspiro em grandes ídolos como Neymar e Ronaldo lutaram e tiveram incentivos no esporte".

Na mesma região, a Associação de Moradores desenvolve o projeto Vida Plena, que oferece aulas de boxe para os jovens. O idealizador é o presidente do

bairro João Marcelo Pereira. "Vejo a situação de vulnerabilidade em que muitos se encontram, então busco ajudar da forma que posso". No outro extremo da Capital, no Bairro Portal Caiobá existe o Instituto de Desenvolvimento Evangélico (IDE) que com o auxílio da Petrobras, da Primeira Igreja Batista em Campo Grande e de

vezes por semana a nota, mas já acostumamos e pegamos o jeito", conta Deyse.

Elas também pagam impostos e a cada três dias precisam fazer uma nova nota fiscal. "No começo isso nos confundia muito, isso é chato e é uma burocracia desnecessária, vencer duas ve-

luntários atende 180 jovens e crianças.

Entre as oficinas oferecidas estão de violão, violino, flauta, orquestra, robótica, informática, incentivo a leitura e recreação, além de ensino religioso. Para fazer parte do projeto, os jovens devem estar matriculados na escola.

O IDE também atua no Bairro Dom Antônio Barbosa. No local o que mais se destaca é o Projeto Princesa que visa aumentar a autoestima de jovens garotas que vivem em condições precárias. Elas recebem um curso paralelo à escola e no final recebem diploma com direito a formatura e baile.

O item cobrado para participar da festa é passar de ano com boas notas na escola. Coordenador do projeto, Jessé Fragoso se diz realizado e pretende seguir em frente com o trabalho. "O sorriso de cada menina é valioso para todos nós, é o que nos move a continuar proporcionando coisas boas na vida delas", fala Jessé com entusiasmo.

zes por semana a nota, mas já acostumamos e pegamos o jeito", conta Deyse.

As vans que andam por Campo Grande vendendo roupas e acessórios, caíram no gosto da população e são uma nova forma de ter o próprio negócio. Sem precisar pagar caro pelo aluguel de uma loja física e com investimento de até R\$ 200 mil, é possível ter um comércio móvel.

Além da van, a criatividade para poder montar uma loja dentro dela conta muito e custa caro, até R\$ 12 mil de investimento na marcenaria, mas há empreendedor que fale que, em menos de um ano, é possível ter o retorno nas vendas.

Esse é o caso da Boutique Delivery, que começou circular em 2013, em Campo Grande. Foi criada pelas irmãs Deyse Faccin Nogueira e Alexandra Faccin. Deyse é quem cuida da parte burocrática e conforme ela, o investimento foi alto, mas o retorno vale a pena. Agora, as irmãs pen-



**Empreendedorismo** - Sócia da boutique Delivery comemoram o sucesso

## DELIVERY

# Criatividade que deu certo

Bruna Marques

sam em um novo projeto: vender a estilização da van e dar consultoria.

"Muitas pessoas querem saber como fazer uma loja delivery. Temos um marceneiro que abraçou a nossa ideia e fez tudo pensando nos mínimos detalhes", afirma. Quem vende as peças e dirige a Boutique Delivery é a Alessandra. Ela conta que sempre trabalhou com vendas. "Pegava o carro e ia vendendo roupas, ai queríamos inovar e pensamos na van achando que tivemos uma ideia muito boa, fomos pesquisar e descobrimos que já existia em outras cidades", ressalta.

No mesmo dia em que começaram a andar pela Capital, as pessoas paravam as irmãs para saber como tinham tido a ideia. "Até hoje muitas perguntam, querem saber com qual marceneiro fizemos o interior da van que cabe mais de 700 peças, entre roupas, acessórios e bijuterias. Com tanta gente nos perguntando, vamos vender a estili-

*Amor e afeto ajudam na recuperação e salvam vidas*

## Doando esperanças

**Lívia Miranda**

"Quando se tem um renal na família, todos sofrem e fazem o tratamento com você. A cirurgia trouxe felicidade e paz para todo mundo". Após dizer essas palavras, Vanildo Pereira dos Santos solta um sorriso de alívio e, de mãos dadas com a esposa, Fabiana da Rocha Santos, comemora sua vida, depois da cirurgia de transplante de rim, que ele recebeu dela.

Na mesma época, os dois ficaram sambendo que as cirurgias haviam sido suspensas pelo hospital e o sonho de realizar o transplante ficaria outra vez em espera.

"Eu nunca desisti, e quando eu fiquei sabendo este ano que as cirurgias haviam sido retomadas, após três anos de paralização, fui logo procurando fazer os exames para saber se eu continuava compatível para fazer a doação e mesmo se eu não fosse mais eu iria doar porque sempre tem alguém precisando", comenta Fabiana.

O exame novamente dá positivo e então começa a preparação para a cirurgia. "Foram quatro meses de acompanhamento de uma equipe da Santa Casa, que nos deu um tratamento incrível e fomos tratados tão bem que tornamos uma família mesmo, até nutricionista eu tive porque precisava emagrecer pra operação. Foi dado todo suporte e apoio, nada de dificuldade o que me deixou muito tranquila também".

Quando descobriu que tinha problema nos rins e precisava fazer tratamento e cirurgia, Vanildo morava em Dourados com a mulher e os dois filhos. Ele começou lá o seu tratamento, por um ano e meio, mas devido a central de transplante se localizar em Campo Grande, ele e sua família decidiram mudar para a capital.

Após sete anos, Fabiana resolveu

**CIDADANIA**

CAMPO GRANDE - DEZEMBRO DE 2015



**Vitória** - Vanildo Pereira agradece o amor e a coragem da esposa em doar um rim



**Amor** - Fabiana da Rocha Santos doa rim ao marido e os dois comemoram o transplante

funcionava fazia uns cinco anos. Ali caiu minha ficha e não teve como eu segurar as lágrimas."

Hoje, o casal comemora, com a felicidade estampada no rosto, com ideia de missão cumprida por vencer essa batalha e com planos para essa nova fase da família.

"Nosso primeiro plano é viajar, não conseguimos curtir umas férias faz 10 anos por causa da doença e da rotina no hospital, agora, a gente vai aproveitar e viajar com nossa família e com saúde que é o que importa. Outra coisa que vamos fazer é escrever um livro sobre esses anos de hemodiálise, produzir panfletos por conta própria, também é um projeto que queremos realizar para estimular a doação de órgãos tanto em vida quanto após

ela. As pessoas não sabem o poder de salvar vidas que está em suas mãos, uma simples doação de sangue já ajuda. Minha esposa salvou a minha e quem doa pode salvar a de alguém também", completa Vanildo.

O casal Santos foi o primeiro a realizar o transplante que voltou após três anos de paralização. Para doação de órgãos existe duas formas: em vida que além dos exames médicos de compatibilidade, é necessário que o órgão do doador seja duplo (rim ou pulmão) tenha capacidade de reconstrução, como o fígado, ou seja um tecido cujo o transplante não cause invalidação ou morte do doador. Após ser diagnosticado com morte encefálica, qualquer cidadão pode ser doador. É só informar o desejo para sua família.

**SÓ TEM UMA MANEIRA DE ENFRENTAR A DENGUE JUNTOS**

**JORNALISMO UCB**

**publicidade & propaganda UCB**

## Exposição

*Psicóloga explica como o uso da imagem feminina serve de atrativo para comercialização de bebidas alcoólicas*

# Mulher se torna símbolo de venda

**Raiane Carneiro**

Gente bonita vende. Não é uma questão de opinião, pois vemos anúncios que exibem claramente isso, ainda mais quando se trata de mulher bonita. Gostosa então, nem se fala. Mas existe um limite delicado para ser explorado, principalmente quando se lida com a figura feminina já que também não é difícil encontrar comerciais que apelam apenas para as formas da mulher para fazer sucesso. Um segmento específico se destaca neste parâmetro e sobre isso, segue o fragmento: "3. Princípio do consumo com responsabilidade social: a publicidade não deverá induzir, de qualquer forma, ao consumo exagerado ou irresponsável. Assim, diante deste princípio, nos anúncios de bebidas alcoólicas: eventuais apelos à sensualidade não constituirão o principal conteúdo da mensagem; modelos publicitários jamais serão tratados como objeto sexual".

Este artigo sobre propagandas de bebidas alcoólicas compõe o código do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), órgão que tem como finalidade regulamentar as campanhas veiculadas em todo o tipo de mídia, seja ela internet, rádio, TV ou ainda cartazes, outdoors e outros tipos. Em suma, o Conar, que é constituído por profissionais da área e de fora, tem a responsabilidade de avaliar o teor das campanhas que estão sendo veiculadas. Para isso, o órgão recebe as queixas que qualquer pessoa pode fazer e avalia se realmente fazem Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária.

Quando jogamos na roda as propagandas de bebidas alcoólicas, falando principalmente das cervejas, que são as campanhas que vendem um produto extremamente popular e amplamente consumido, nos perguntamos se o artigo que abriu esta matéria está sendo aplicado de forma adequada. Mesmo com a transformação da sociedade e da linguagem publicitária, certos aspectos parecem não mudar. A maioria das propagandas de bebidas alcoólicas trazem um velho conceito: colocar uma mulher bonita e com muitas curvas associada ao produto. Segundo os dados disponibilizados no site do CONAR, neste ano já são 6 casos de campanhas que receberam queixa de consumidores sobre apego excessivo a sensualidade da mulher.

Mas o que tem a ver exatamente a moça cheia de curvas com a bebida que as pessoas querem consumir? Para entender melhor por que dava certo, vamos falar sobre a cadeia que dá origem a uma campanha publicitária. O setor de criação, onde efetivamente surge a campanha, atende as necessidades do cliente, faz um levantamento de dados, referências e ideias. Em grandes empresas ainda, geralmente são feitas pesquisas com pequenos



**Sensualidade** - Moças exibem suas curvas para aumentar as vendas de bebidas

grupos de pessoas para saber se a futura campanha vingará ou não, o que quer dizer as ideias não saem diretamente da cabeça do publicitário para os meios de comunicação. "A maioria das agências grandes, que fazem campanhas grandes para marcas grandes utilizam pesquisas"

grupos de pessoas para saber se a futura campanha vingará ou não, o que quer dizer as ideias não saem diretamente da cabeça do publicitário para os meios de comunicação. "A maioria das agências grandes, que fazem campanhas grandes para marcas grandes utilizam pesquisas" duais, sociais e culturais." Como exemplo, Grubits explica que mesmo com uma propaganda forte e tantos tipos diferentes de cervejas, ainda existem pessoas que não bebem uma gota de álcool sequer. "Até onde vai essa interferência [da mídia]?" Por isso a pesquisadora defende que as pessoas precisam refletir sobre suas vidas e se fortalecer para enfrentar o vem de fora.

Por muito tempo, foi atribuída uma parcela grande de culpa à mídia pelos estereótipos que eram divulgados, principalmente pela propaganda, quando nos lembramos de modelos com ossos à mostra nas passarelas, mas a pesquisadora analisa que não é uma via de mão única. "Não sei onde começa e onde termina todo esse processo porque ao mesmo tempo em que a mídia expõe esta característica da beleza do corpo, a sociedade está criando isso também, a questão do culto ao corpo" diz.

Para Grubits, o essencial é que as pessoas sejam educadas para lidar

com essas informações que chegam cada vez mais rápido aos consumidores. Toda pessoa que tem uma "base sólida" na infância, encontra menos obstáculos para lidar com a influência externa que nos cerca dia-riamente. "O pensar é muito impor-tante" diz Grubits. De fato, a educação para as pessoas pode ser a chave para mudar a mentalidade e conse-quentemente os hábitos de uma socie-dade e essa mudança é defendida

pela publicitária também, pois segundo ela, propaganda é um reflexo da sociedade. "O publicitário não faz porque ele gosta, ele faz porque ele tem que agradar as pessoas e se essas pessoas dizem que gosta de propaga-dão com mulheres, então vamos caminhar um bom tempo assim." lamenta a redatora.

Condenar pura e simplesmente os profissionais deste mercado não resol-ve a questão, pois eles oferecem o que está aí já que eles não podem parar de vender. A publicidade reflete o que está na sociedade então, antes de fa-larmos de novas linguagens para este segmento de propagandas e em todos os outros, primeiro, é necessário que a sociedade pense de outra forma.

**CIDADANIA**

CAMPO GRANDE - DEZEMBRO DE 2015

**EM FOCO**

Trabalho excessivo e o estresse do dia a dia causam problemas na saúde e é importante estar atento aos sinais

# Profissionais de comunicação devem equilibrar o trabalho com a saúde

Viviane Souza

"Estou estressado preciso de férias do trabalho", quem nunca escutou ou disse essa frase? Pois é, o serviço seja a área que for, faz com que nós carreguemos uma preocupação muito grande dentro de nossas mentes, é o pensamento que não se desliga do trabalho ou o trabalho que não para de ligar. O estresse vivido diariamente no mercado de trabalho pode gerar diversas doenças e transtornos psíquicos se não forem cuidados corretamente.

O estresse não é uma doença, mas um estado de tensão física, mental ou emocional em que o organismo é quem sofre. As tensões produzem efeitos colaterais e prejuízos quando as situações estressoras são continuas e interminantes. Segundo a terapeuta Camila Balbuena existe uma linha de terapia ocupacional que cuida e trabalha especialmente da saúde mental, ela conta que hoje não trabalha mais com essa demanda diretamente, mas sempre é muito procurada. "As pessoas realmente estão vivendo mais estressadas, às vezes por levarem o serviço para casa e assim não



Foto: Viviane Souza

**Atenção** - Trabalho precisa ser realizado sempre com equilíbrio e cautela diária conseguirem descansar a mente da forma adequada", explica Camila.

O jornalista William Franco começa a entrevista com uma definição comum na sociedade: toda profissão exige muito de você, muita dedicação e muito empenho, é o que te move na maior parte da vida e geralmente falamos que nosso trabalho é nossa segunda família. "O excesso de trabalho sem o devido cuidado pode acarretar em alguns problemas, por isso, acaba sendo comum ouvir sobre o estresse profissional", comenta. Desde muito cedo teve que ingressar no mercado de trabalho para pagar os estudos, ele conta que na época de faculdade acordava às seis da manhã e só retornava para casa na hora de dormir depois das onze horas da noite. Passado a formação veio as propostas de trabalho, ele chegou a trabalhar em dois períodos por muitos anos até que chegou um tempo em que percebeu que algo grave estava acontecendo com a sua saúde. Ao refletir ele percebeu que precisava pensar mais nele, cuidar mais da sua saúde então escondeu apenas um emprego e começou a fazer terapia. Faz pouco mais de dois anos que William começou o tratamen-

to e hoje ele fala "agora eu saio indicando para todos meus amigos, a terapia é libertadora. Passei a pensar mais em mim e não ficar tão irritado por poucas coisas que acontecem no meu trabalho e na minha vida. Tudo o que aconteceu falo hoje com muito orgulho, afinal não são todas as pessoas que conseguem levar esse ritmo de vida por muito tempo (dois empregos) e é preciso ter uma grande vontade e perseverança para que consiga chegar onde quer, hoje estou realizando profissionalmente fazendo o que gosto sem extrapolar e cuidando da minha saúde", conclui.

Com a publicitária Daniele Doriléo de 27 anos aconteceu algo parecido com o caso do jornalista, ela trabalha na área há quatro anos, mas conta que embora tenha pouco tempo de formação já sentiu a pressão do excesso de trabalho e viu o resultado disso em seu organismo, ela trabalha no jornal impresso da igreja Assembleia de Deus Missões como diretora de arte e conta que "muitas vezes para conseguir terminar o jornal e entregar no prazo certo ou antes da data prevista eu chegava cedo no serviço e saía tarde, co-



**Alerta** - É preciso cuidar da saúde

Jornalismo segmentado exige do profissional um conhecimento profundo na área escolhida e a leitura diária é essencial

# Ser jornalista é ser como água

Ana Cristina Cruz

Somos acostumados a ouvir durante a faculdade de comunicação que o jornalista é o especialista das generalidades. Ali descobrimos que ser comunicador e jornalista significa 'saber um pouco de tudo'. É encantador pensar que o mesmo profissional é capaz de fazer uma matéria relacionada a bem-estar de manhã, gastronomia a tarde, e esporte, logo depois. Mas, e quando estamos em um veículo especializado em determinado assunto, que nos cobra uma especialização a mais, sendo que temos apenas a formação superior em comunicação social?

Eu como futura jornalista, acabei me deparando com o tal jornalismo segmentado. Ou seja, um veículo que é especializado em determinado assunto, no qual 100 por cento da programação está voltada a um público específico. Eu era acostumada com a variedade do entretenimento, e de repente, tinha que produzir conteúdo para pessoas de determinado 'nicho', e no caso, o agronegócio.

Para mim, ainda tem sido complicado compreender a respeito de pecuária de corte, soja, boi gordo, ou até mesmo, política ruralista, e vendo meus futuros colegas de profissão, decidi escrever a respeito.

Richelieu Ribeira, é um jornalista diplomado a pouco mais de sete anos, trabalha no sistema brasileiro do agronegócio a dois, e quando relata a forma com a qual lida com os conteúdos produzidos, diz ter sofrido várias dificuldades no início do cargo. Não era acostumado com o ramo, e para conseguir sobressair-se, teve que conversar muito com os colegas da área, ler, e aprofundar-se naquilo que era voltado para o meio rural.



**Leitura** - Renata estuda todos os dias para crescer no jornalismo de agronegócios

'Penso que uma das maiores dificuldades é conseguir fazer várias matérias, com abordagens diferentes, acerca da mesma pauta.'

Já Adriano Idival, trabalha na comunicação voltada ao público do campo, desde a juventude. Jamais esteve em outra área do jornalismo. "A única coisa mais diferente que já fiz, se é que pode ser considerado diferente, foi um programa de rádio, com músicas sertaneja [risos]. Mas mesmo assim, me sentia no campo". Ainda de acordo com Adriano, a

trabalhando no chamado 'jornalismo segmentado'. 'Estou a três meses nesse veículo, e apesar de ser pouco tempo, já cresci e amadureci muito. Estudo e leo várias coisas no dia com relação ao agronegócio. É como se eu fosse uma especialista da área.'

A jornalista inclusive pensa em fazer especializações na área do agronegócio. Ela diz que nunca havia pensado no assunto, porém está encantada com a riqueza desse tipo de comunicação.

Aqui, podemos voltar àquilo que aprendemos lá nos primeiros anos do curso... Que é a formação integral do jornalista. Muitos estudiosos defendem que além de comunicador, é importante para o profissional voltar ao estudo, estar sempre atento, e em busca de formações, inclusive especializar-se em outras áreas do conhecimento.

Para poder acompanhar os colegas, Renata se tornou assinante de uma revista somente voltada ao meio rural, além de estar sempre trocando experiências e procurando os termos voltados a área.

Ela relata ter ganho um ânimo, e acha bacana o jornalista estar sempre muito inserido no assunto, para falar com o entrevistado, com os colegas, e principalmente com o espectador.' O desafio para esses profissionais é diário, pois para conseguir dominar as matérias, e conseguir ao menos conversar com as fontes, é importante se tornar, literalmente, um especialista da área.



**Adaptação** - Para conseguir sobressair-se no mercado, o diálogo e a leitura foram essenciais



**Experiência** - Adriano sempre trabalhou com comunicação de olho no campo